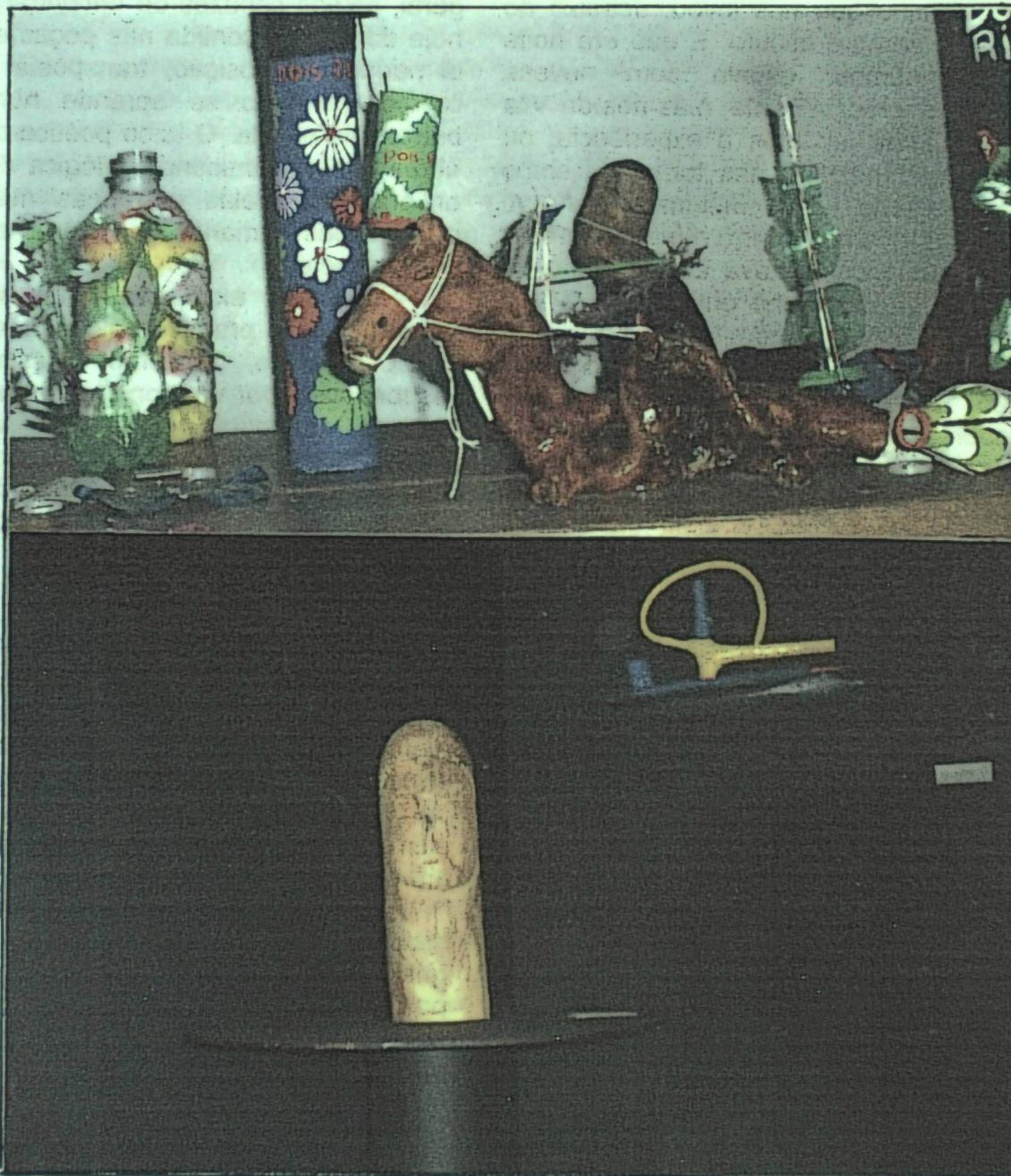


HISTÓRIAS DA EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO
01 a 15/07/2015

O PROJETO "ECOMUSEU RECICLA", na Casa de Cultura Constantino Kokotos, uma cerimônia marcou a abertura da Exposição, que leva o nome do projeto, desenvolvido pelo curador e Diretor do Departamento Cultural da UERJ, Professor

Ricardo Gomes Lima, e com a presença da sua equipe de trabalho, o ato reuniu os atores participantes do projeto e um razoável público que apreciaram os trabalhos comunitários da Vila Dois Rios, a nível destas raridades abaixo.



Conjunto de trabalho manual de Julio de Almeida, arte final de Marilda Caiares e pintura de Jesiel Pimenta.

Com a falta de transporte noturno estudava-se um jeito. A espera de um milagre acontecer. E, aí foi que arranjaram um carro. Uma caminhonete branca que já havia acabado no século passado. Mas, mesmo assim, continua servindo como se carro fosse. O motorista (Osias) pau para toda obra começou catalogando gente aqui, ali e assim, mais uma vez lá fomos nós entre o céu, as montanhas e o mar. Graças ao carro velho que nos levou, debaixo do céu quase sempre escuro. É que era noite quando partimos, estava com nuvens servindo de temor à gente, mas nós da Vila Dois Rios, nos atiramos à experiência, ou seja, à repetência. E, nos tomamos como sempre viajante dessa mesma estrada, o motorista o mesmo, o carro o mesmo para ir vê de perto o que estava acontecendo do outro lado da montanha que separa a Vila Dois Rios e o Abraão com aquelas obras de arte. Ali contidos dentro do veículo como público, todos nós queríamos primeiro entender a mensagem para depois gostar ou não. Causar impacto através da emoção que a gente carrega no coração como principal objetivo.

Emoção e poesia fazem parte de toda a trajetória dos dez quilômetros de estrada quase sempre transpostos a trabalho diferente do purismo inerente ao talento incontestável de nossos artesãos contribuindo de forma decisiva para consolidar o trabalho artesanal como manifestação artística e, também utilitária que apareceu do fundo de um projeto, para conquistar definitivamente o olhar do povo em geral.

O projeto "Ecomuseu Recicla." Título da Exposição, organizada por Ricardo Lima e outros de seus é uma das marcas de mais um desdobramento do Eco-Museu — o primeiro a criar e inovar na comunidade de Dois Rios. Essa história. Ou melhor, a história da exposição se confunde com a própria história do planejamento do projeto.

Primeiro a incentivar gente da comunidade de Dois Rios como, Marilda, Edna Ferreira, Júlio de Almeida, Osias e Jesiel, entre outros... — nem imaginavam que entrariam para a História da Vila, como artesãos, ao se integrar à produção de manuais, do projeto nascido em 2011.

Os raros arquétipos culturais antigos de Dois Rios ficaram longe, no criar e inventar o conjunto de artes materiais. De modo geral, somos capazes de encontrar, a alma hoje do artista, contida nas peças expostas lá naquela Exposição, transposta com tal lirismo que não se aprende nunca nos bancos da escola. O talho poético daquelas obras que vi transcende a lógica da razão, enveredando pelas entranhas misteriosas das paixões humanas de fazer uns objetos como aqueles.

Foi lá na exposição, que vimos a importância da produção alcançada em tão pouco tempo, mesmo assim, são responsáveis por um conjunto grandioso ao alcance de todos e, profetiza um feito memorável do criador do projeto. A meu ver, vão continuar contribuindo para a formação e preservação da cultura popular da região angrense.

Como dizia àquele velho dito popular: "Podam-se os galos, colhem-se as frutas, e outra vez se semeia"..., e, no caso aqui, no fim deste labor, surgirão outros artesãos, com o mesmo sangue na veia. Logo, esta profecia pode se concretizar ao longo dos anos. Onde vários talentos estão por surgir para continuar sendo revelados até os últimos dias desta geração velha, de moradores da Vila Dois Rios.

Para resguardar todo esse legado histórico, artístico e cultural, registrando o que virou tradição em tão pouco tempo e, para preservar as suas raízes, sugiro, deve ser fundado, daqui mais alguns anos, um centro de memória, numa sala anexa a quadra de esporte da Vila Dois Rios, se já não basta o museu que aí está.

O que será mais um pioneirismo do Eco-Museu. Com painéis, livros, documentos, videoteca, cinemateca, artesanatos e instrumentos de trabalho dos velhos artesãos. Onde o local receberá visitante diariamente funcionando numa exposição, das 10 da manhã às 16 da tarde.

Este deverá ser um importante centro de pesquisa, visitado por estudantes e turistas do mundo inteiro, a passeio ou trabalho na Vila Dois Rios, o espaço gerará um encantamento que o tomará com o tempo pequeno, pelo o que vi lá naquele dia, 01/07/2015, diante da grandiosidade artística, que abrigou àquela Exposição. Bastou-me um passeio pequeno pelo Salão em torno dos painéis para concluir o quanto o artesanato, a literatura e a cultura estão intimamente relacionados. Ao atravessar a porta de entrada do espaço Constantino Kokotos, foi penetrar-me num mundo de magia e encantamento, tal qual é definido pelo trabalho dos artesãos de Dois Rios, confeccionado em madeira e plástico reciclado do meio ambiente, quase tudo, ensinado num modo novo de viver, de pensar, sonhar, de sofrer e até morrer, esses feitos são grande que não caberiam no caixão. Assim é tudo o que pude conceber para o meu e o teu coração. Meu povo.

Conforme sabemos que a Vila Dois Rios é uma localidade chuvosa, sobretudo nesta época do ano. Naquela noite que precedia os preparativos da Exposição. A turma do Ecomuseu, acompanhada de muitas outras pessoas fizeram seresta com o meu pé de macaxeira querido, como não havia o clarão da lua, ficaram na sombra, por que a Vila do final de outono, início do inverno, fins de junho e começo de julho. Segundo, a tradição por aqui, a chuva é inevitável nestes dois meses. Queríamos nós que não fosse bem assim, mas o fato é que por vez o mau tempo prejudica o funcionamento de tudo, que é movimento, desde o turismo até os eventos da época.

Música na seresta daquela noite, não eram cantadas e, logicamente de noite não apareceram também, as lindas canções de costume, ouvidas de longe, do afamado canarinho da terra ou de nossos sabiás.

Mas, mesmo assim, vieram algumas pessoas da localidade apreciar o alarido, e saborear com o, Ricardo, uns pedacinhos da guloseima fresquinha, que era a maior novidade do dia. Toda a galera considerou que nessa noite, um e outro, poderiam se embriagar e divertir toda a prateia com as anedotas que aprendera contar na varanda do bar. Até a dona da casa, Dona Tereza, que naquela noite estava muito triste, parou de chorar para rir e depois voltou a chorar outra vez, mas agora de tanto rir das pilhérias que contaram, não sobrou uma, todas foram levadas no vento de chegada do inverno.

Aquele homem que me arrancara o pé de macaxeira gigante querido, ele é um cara feio, mas é simpático, como se apresentara, naquelas últimas noites do Outono que se foi. Aliás, eis uma coisa que ele não abria mão: alegria. Além de engraçado é amável, um pobre cativo da comunidade, falava dobrando letras "Tereza", havendo até certo acento harmonioso na voz cava dele, que a língua repousava um pouquinho encima dos dentes da frente. Sendo ainda de pouco luxo e de nada reclamava. Falta ele sentia de outras coisas, talvez de afeição, de carinho e de comidas típicas do lugar. Por estas e outras razões ele avançou sobre esse tal pé de macaxeira, o arrancou e comeu macaxeira cozida fresquinha da terra. Que bom! Nestes dias que precedia o grande feito por aqui, chamado Exposição Ecomuseu Recicla.

Nesses dias que precedia a Exposição, Ricardo, recolheu-se tarde. Antes ele andara pela Vila, pela praia, ao léu, depois aparecia de bermuda. Parece que procurando alguma coisa. E, se contentava olhando as árvores, conversando com todo mundo

com motivo evidente. Com motivo evidente, sentira desejo de voltar à vida dos castelos como praticara na distante juventude. Mas, até então, o cheiro da terra penetrava-lhe pelo nariz e tornava o inquieto.

— Sentindo-se muito ele, até teve vontade de trabalhar bastante naqueles últimos cinco dias com os serventuários do ofício do nosso querido museu, ou melhor, Ecomuseu. E assim fez ele com toda sabedoria como o povo aqui o aprecia e prestigia cheio de alegria, quando ele o recebia. Tal qual fora o seu estado de sentimento e de definido desejo, que expressou para o público em geral desde as crianças até aos mais velhos.

E, não parou por aí. A sua história continuou lá no Abraão, onde esteve uns três dias ou mais: A nebulosidade já havia passado um pouco, com certeza ao cair das tardes, dava pé, mirava cada réstia de sol e sonhava ao cair da noite. Coitado! Pelas sombras das nuvens não foi possível ou não teve sorte de ver a prata da lua cheia, para o qual ficou uma áurea dolorida da vida de um grande mestre. Que é você Ricardo Lima.

Para terminar o suspense suponho que naqueles dias já iam altas noites. Quando conseguia dormir sonhava de verdade com uma trabalhadora danada, na montagem da Exposição. Eram as últimas vezes que sonhava, depois de alguns anos entorno de meia década trabalhado pela Ilha Grande. E com isso. Com ou sem razão, despertava com o rigor do Inverno que trás o frio gostoso da madrugada. Levantava pela manhã lavava o rosto pensando na luta, recordando o sonho a acompanhá-lo pela noite — ele e sua turma discutindo trabalho e o sucesso que fez na Vila Dois Rios — Abraão durante todos esses anos de Ecomuseu.

Bem! Lá estava a turma inteira do Museu, trabalhando como sempre ao capricho de um profissional para que o resultado gostoso da brincadeira o

envolvesse por inteiro. Mas o que era estranho, não, não conseguia expressar os ânimos como o fez habitualmente —, isso por que a experiência lhe ensinara que, desistindo cedo de continuar a frente de um trabalho de gosto, diante da dificuldade de realização, goza-se muito mais prestígio do povo do lugar e, a chance de retornar triunfal é maior. Por isso, sem perder o seu jeito brincalhão como adora, marca presença. Seus jeitos de ser são os índices do humor.

E assim ele fitava mais uma vez as pessoas e as coisas que, como tantas vezes já o fizera antes. Não via uma solução para o entrave, a sombra do difícil acesso cobria-lhe o horizonte, perdido no fim do mundo. E aí seus olhos pardos escureceram. Por que sentiu o coração apertar por dentro. No entanto, é o início de mais uma experiência. Acontece-lhe então levantar-se. Resolveu retirar-se e nunca mais voltar? Não, não é bem assim. Na primavera? Quem sabe? Aí sim. Deitará se sob as amendoeiras da praia de Vila Dois Rios que estarão em flor na beira da areia bem mais aconchegante. Logo depois, observar os passarinhos fazendo círculos no ar, num vôo que é improvisado em lindo bailado primaveril. De longe, ouvirá outra vez o canto dos canarinhos do lugar, que por surpresa pode-se acompanhá-los com os olhos, numa linda melodia de amor a encher o lugar. Como a dizer vamos começar tudo de novo o trabalho interrompido no início do inverno. Pois é. Aí a Primavera chegou. Estou falando de você Ricardo Lima, grande mestre que nos ensinou a vê no lixo uma forma de renda.

Mas, ainda não terminei — a verdade é que o mau tempo prejudicou o funcionamento dos eventos desta época. Mas neste clima foi que Ricardo, apareceu por aqui às voltas com a Exposição de artesanatos. O que originou uma antiga polemica na Vila inteira: Ir ou não a

noite com chuva e tudo ao Abraão? Muitos sustentaram que, em um recinto fechado (como é o caso da Casa de Cultura, cujo nome já disse), no Abraão, um amplo espaço, que neste ano abrigou a solenidade de abertura do evento, esse problema de mau tempo foi resolvido.

Mas isto, por outro lado, se tinha a viagem de noite, um traste que descaracterizaria o evento para todos aqui como tal, e romperia a tradição de ir aos eventos no Abraão. A população decidiu na última hora com a Marilda: ir só um pouquinho de gente. A Exposição ia mesmo acontecer, e continuava nos planos de todos. Mas a tecnologia de transporte por aqui não anda muito boa, aliás, não ajuda ter animação para viajar a noite: carro cada vez mais precário, cada um pior do que o outro; para o transporte noturno do mau tempo, problema na certa. E assim; sucessivamente conforme Júlio de Almeida, não cansa de repetir. Foi aí que Marilda começou a planejar o quebra-cabeça da viagem. Não teve zebra. Que nos segurássemos. Fomos. Visitamos a linda exposição. Mastigamos alguma coisa e voltamos tarde da noite com uma imagem maravilhosa.

Naquela semana tudo foi assim, inopinado, primeiro um dia depois de ter chegado aqui à Vila Dois Rios, Ricardo Lima e uns três companheiros a mais, nos inventa de arrancar aquele gigante pé de macaxeira com mais de quinze quilos de raiz, sem igual. Para isso ele convocou uns dois camaradas e umas duas mulheres de força igual a dona Tereza, mas essas não eram para arrancar nada. Eram simplesmente para cozinha e lá foram eles para a plantação, pensando ser fácil. Até aí, não sabiam eles ali era macaxeira pra chuchu. Mas, para surpresa havia mais de quinze quilos, num pé só.

— Foi um pega pra capa.

— Depois de muita luta: trabalho, desafio e outras coisas a mais, conseguiram

derrubar o grandalhão (um monstro) que nunca se viu igual na redondeza.

— Nem Ricardo e nem ninguém pensava colher tanta macaxeira assim na moleza a modo dizer.

E, a noite foi aquela farrá de macaxeira cozida (três panelas grande) e ainda sobrara para o dia seguinte outro tanto. E assim foram aqueles dias de Ricardo na Vila Dois Rios, entre macaxeira fresca, pastéis (uns duzentos), peixada e bolo de aniversário (da dona Tereza) na Cantina. E, com isso, participaram da brincadeira promovida: Alunos, professores, a turma do Museu e comunitários. Ricardo, para finalizar, ele manda distribuir convite à Vila inteira, para a Exposição de arte no Abraão. Aí foi que a coisa ficou feia. Como chegar lá? De carro? Será que dava pé ou não? Se não desse, a gente ia a pé.

Chegou o "dia tal" da Exposição e lá foram umas dez pessoas da Vila Dois Rios apreciar o grande evento do ano. Aliás, um dos maiores movimentos do momento. Onde podia as pessoas comprar os últimos lançamentos, e também eventuais preciosidades encontradas na mesa de saldos, ao lado dos painéis.

Aos pouco a Exposição de artesanatos foi ganhando repercussão, pode se dizer que: nacional e internacional. Isto porque estive lá mais umas três ou quatro vezes observando o movimento e ratifiquei a presença de visitantes que vinham de fora. Tanto estrangeiro como, também, brasileiros de outros estados, hospedados no Abraão. Em outros casos na viagem à Angra dos Reis ouvia comentários nas embarcações e até mesmo na própria Cidade de Angra o assunto era notado. Difundindo a idéia como se fossem grandes patrocinadores, apoiando as leis de incentivo à cultura. A infra-estrutura do local ampliado e modernizado ajudou e marcou o evento considerado muito bom e estimulou muito a visitação. Para a exposição (01 a 15 de julho), considerando um período curto, a

expectativa que eu tinha era que o público superasse as sete ou oito páginas daquele livro de registro de presença. Isto quer dizer que muitas pessoas circularam pelo Salão da Cultura. O que é um grande desafio, num período de baixa temporada de visitantes no Abraão. Sem dúvidas, isto é motivo para comemoração, até mesmo em grande estilo no futuro do Ecomuseu, promovendo a vinda de convidados internacionais que prestigia o Projeto. Entre outros, sem

esquecer os destaques nacionais que são muitos, desde os escritores, atores do ramo, até representantes de estado e ministérios que apóia a Cultura, Educação e outros setores da sociedade.

A Exposição de Artesanato de Vila Dois Rios em Abraão a mais inovadora da Ilha Grande realizada em caráter temporário fez assim jus à sua realização, a sua divulgação inicial da arte e com certeza se tornará tradicional.



Conjunto de trabalhos manuais de Marilda Caiars, Edna Ferreira e Osias Fernandes.

EXPEDIENTE

OS TEXTOS e ILUSTRAÇÕES – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº. 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.